

MARIA DA CONCEIÇÃO CORREIA MENDES FILIPE DE SOUSA

# Elaboração de estratégia de ensino para uma boa gestão do erro

Licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses



**MARIA DA CONCEIÇÃO CORREIA MENDES FILIPE DE SOUSA**

Trabalho Científico apresentado no ISE para obtenção do grau de Licenciatura em  
Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, sob  
orientação do Mestre Daniel Medina

Instituto Superior de Educação – ISE /2007



## O JÚRI

---

---

---

Instituto Superior de Educação, Praia, / / 2007



## DEDICATÓRIA

Aos meus **filhos**, pelo estímulo, carinho e apoio recebidos nesta fase difícil da minha vida e em especial ao meu eterno amor **Francisco do Rosário Filipe de Sousa**, que me acompanhou sempre e que hoje, infelizmente partiu subitamente, deixando o meu coração despedaçado e muito, muito triste... Descanse em paz.





“Entre palavras e combinações de palavras circulamos,  
vivemos, morremos palavras, somos finalmente, mas com  
que significado que não sabemos ao certo?”

(Carlos Drumond )

# ÍNDICE

ÍNDICE .....	10
INTRODUÇÃO / JUSTIFICAÇÃO .....	11
Metodologia .....	12
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....	13
1 - Concepção pedagógicos .....	13
1.1 Perspectivas de aprendizagem .....	13
1.2 Construtivismo .....	14
1.3 Interdisciplinaridade .....	15
1.4 Sócio-Construtivismo .....	16
CAPÍTULO II-PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS .....	17
2.1 Interação professor x aluno .....	17
2.2 Planificação .....	17
2.3 Avaliação .....	18
2.4 Motivação.....	18
CAPÍTULO III– Apresentação dos erros cometidos pelos alunos .....	19
3.1 - Nível gramatical .....	20
3.2 - Concordância .....	20
3.2.1 - Singular/plural .....	20
3.2.2-Feminino /Masculino .....	20
3.3. Artigos .....	21
3.4 - Ordem de palavras e preposição .....	21
3.5 - Nível lexical .....	21
3.5.1 - Singular plural .....	21
3.5.2 - Invenção de palavras .....	22
3.5.3 - Acréscimo .....	22
3.6 - Nível fonético / Fonológico .....	22
3.6.1 - Som / grafema .....	22
3.7 - Nível ortográfico .....	23
3.7.1 - A acentuação (falta de acento) .....	23
3.7.2 - Troca de letras .....	23
CAPÍTULO IV –SUGESTÕES DE ACTIVIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....	24
REFLEXÃO FINAL .....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	33
ANEXOS .....	35

## INTRODUÇÃO / JUSTIFICAÇÃO

Para a obtenção do grau de bacharel em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses em 1998, apresentámos o trabalho com o título “Análise do erro em textos escritos de alunos do ensino secundário” com a pergunta de pesquisa “Que erros produzidos pelos alunos são devidos à interferência do crioulo (L1)”?

Da análise feita chegou-se à conclusão que de facto há erros devido à interferência do crioulo, e outros, e que as dificuldades dos alunos quando utilizam a língua portuguesa, quer escrito quer oral, não são exclusivos da L1.

Como o trabalho ficou pela identificação, classificação dos erros, e apresentação dos erros cometidos devido à interferência da L1, pois era esse o objectivo do trabalho, nessa segunda etapa de formação, pensámos em retomá-lo a partir da reflexão final, com o objectivo de elaborar estratégias facilitadoras do ensino aprendizagem na sala de aula, pois, essa reflexão conduziu-nos às seguintes hipóteses:

- 1ª- Conhecendo as dificuldades dos nossos alunos seria uma forma de minimizá-las;
- 2ª- Essas dificuldades seriam o ponto de partida para o ensino aprendizagem e utilizadas como estratégias para motivar e incentivar os alunos a escreverem / falar o português; e
- 3ª- A importância da gestão pedagógica do erro na sala de aula.

Neste sentido, a pergunta de pesquisa do presente trabalho é:

«Como utilizar as dificuldades dos alunos para elaborar uma estratégia de ensino que facilita a aprendizagem?».

Para responder a esta pergunta, a proposta deste trabalho é:

Seleccionar três dos erros identificados e classificados para:

- a) Elaboração de estratégias que facilitam os alunos a superar as dificuldades na aprendizagem;
- b) Apresentação de alguns procedimentos pedagógicos e
- c) Sugestões de práticas pedagógicas facilitadoras da aprendizagem e da boa gestão do erro.

Assim, este trabalho é composto por um capítulo de Concepções Pedagógicas, onde se falará de perspectivas de aprendizagem, alguns conceitos de práticas pedagógicas, o construtivismo e sócio – construtivismo e a interdisciplinaridade. No capítulo seguinte, falaremos dos Procedimentos Pedagógicos dando enfoque a interacção professor / aluno, planificação, avaliação e motivação. A seguir, o capítulo das sugestões de práticas pedagógicas e actividades facilitadores de aprendizagem.

Por fim a reflexão final.

## OBJECTIVOS

Este trabalho tem por objectivo elaborar estratégias facilitadoras do ensino aprendizagem na sala de aula. Como todos sabem, ensinar não é fácil. Depara-se com inúmeros dificuldades, tanto de ordem pessoal, comportamental, físico e espacial como de ordem metodológico e pedagógico.

Apesar de muitos reconhecerem as condições difíceis em que muitos professores e escolas trabalham,

o ensino hoje é muito criticado e o professor é o principal visado, principalmente aquele que lecciona a disciplina da língua portuguesa.

É nesse sentido que, queremos aproveitar este trabalho para pôr em prática alguns conhecimentos adquiridos ao longo do curso e no estágio pedagógico, apresentando sugestões a nível das estratégias e metodologias de ensino para melhor ajudarmos os nossos alunos a comunicarem-se tanto a nível oral como escrito, bem como aos professores a resolverem os problemas que a língua portuguesa ainda provoca, em Cabo Verde.

Assim, apresentaremos várias sugestões de actividades e práticas pedagógicas facilitadoras de aprendizagem que poderemos utilizar para trabalhar os erros a **nível gramatical, lexical e ortográfico**, fruto de pesquisas feitas, experiências e conhecimentos adquiridos ao longo de vários anos como formador e durante a formação de complemento de licenciatura.

Em síntese, os **objectivos gerais** deste trabalho são: elaboração de práticas pedagógicas facilitadoras da aprendizagem na sala de aula e **os específicos**: apresentação aos professores actividades, estratégias e a postura dos mesmos face ao erro; reflexão sobre as práticas que vêm sendo utilizadas, bem com a metodologia de ensino da língua portuguesa em Cabo verde.

## METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos fundamentais deste trabalho.

A partir da grelha de classificação que serviu de base para a classificação dos erros, já elaboradas, (ver anexos) e dos textos produzidos pelos alunos, de idades compreendidas entre os 15 e 17 anos, pertencentes às classes sociais média e baixa da cidade da Praia e da zona rural da Ilha de Santiago, iremos, de acordo com o resultado da análise, que mostrou a transferência das estruturas linguísticas da língua materna que ocorreu a nível gramatical, lexical, fonológico e ortográfico, apresentar algumas sugestões de trabalho em relação aos erros de **nível gramatical, lexical e ortográfico**.

Estas propostas são sugestões que os professores podem utilizar como contribuições para reflexões e aprofundamento, com vista a melhor às práticas do ensino aprendizagem nas nossas sala de aula, principalmente no que se refere ao ensino da língua portuguesa no nosso país.

# CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Esta secção tem por objectivo, apresentar a resenha de alguns estudos sobre perspectivas de aprendizagem que discutem as práticas pedagógicas facilitadoras do ensino aprendizagem. Para além disso, trata da interdisciplinaridade existente no processo do ensino aprendizagem, visão imprescindível para o sucesso do aluno e da educação.

## 1 - CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

### 1.1- PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM

**Como é sabido, ao longo dos anos têm-se procurado uma explicação ao comportamento dos alunos face à língua portuguesa e as dificuldades que os mesmos apresentam na sua relação com esta numa situação de comunicação.**

É notório, no ensino secundário, as dificuldades que os alunos têm em expressarem em português num discurso oral e mais difícil ainda se torna quando esse discurso passa o papel (discurso escrito).

O alargamento de perspectivas processado no campo da Didáctica, fruto do seu cruzamento com diversas ciências da linguagem e disciplinas afins, começa a ser consensual que só uma concepção multidimensional e integrada do ensino aprendizagem da língua poderá restituir - lhe o seu papel eminentemente formativo, social e cultural. Amor p.10

Se a língua é sistema e código, na relação com o indivíduo, tem de se ter em conta a realidade anterior e exterior relativamente aos subsistemas: fonológico, morfo-sintáctico e léxico—semântico, bem como as que decorrem na relação inter - subjectivas.

Daí a preocupação hoje em se ocupar com diferentes actos de estratégias que a língua permite concretizar e das constantes mutações operadas no quadro interlocutório, bem como no discurso - textual, visando alcançar os constrangimentos linguísticos e extralinguísticos, que decorrem do uso da língua.

Sendo assim, algumas teorias linguísticas apresentam-nos a possibilidade de estudo da língua apenas com recurso à forma, pela descrição da hierarquia de estruturas sintagmático e paradigmático – estruturalismo – que no plano didáctico inspirou nos chamados “exercícios estruturais”, com origem nos E.U.A. nos anos 40 e na teoria de condicionamento de Skinner (estímulo - resposta\_ reforço). Ou seja, a aprendizagem é vista como o resultado de um processo mecânico de formação de hábitos.

Uma outra teoria decisiva para a evolução dos modelos em D.L. consiste no generativismo.

Segundo E. Roulet o generativismo “apresenta-se como uma síntese das contribuições mais interessantes da gramática tradicional e da gramática estrutural”( 1978: 43). Aparece os conceitos de transformação, estrutura profunda e estrutura de superfície e o binómio competência – performance, devido a afirmação da actividade linguística do sujeito e do dispositivo inato que lhe permite produzir frases nas diversas situações de comunicação.

No decurso dos anos 70 surge as teorias enunciativas cujo objectivo principais são os fenómenos da subjectividade patente nos discursos, ou seja as marcas da presença do homem na linguagem. (Amor, p.15).

Os discursos são tomados como “acontecimento sociais”que envolvem sujeitos social e culturalmente posicionados. O enfoque está na concepção da língua / discurso como modo de acção que visa dar conta das condições de produção e das características específicas dos actos que a realizam.

Assim, as práticas pedagógicas e as actividades a serem desenvolvidas na sala de aula devem ser realizadas de acordo com o desenvolvimento e capacidade do aluno e devem ter em conta ainda a idade e os conhecimentos já adquiridos pelos próprios.

Para Zabala (1998), a prática pedagógica, de uma forma ampla, é complexa, fluida, fugidia difícil de ser limitada, por expressar múltiplos factores, ideias, valores e hábitos pedagógicos que, conforme as interpretações dos educadores, podem provocar a cristalização ou não da educação.

Demo (1993, p. 261) diz que [...] enquanto a educação for vista como “Transmissão apenas” onde o professor tem apenas o papel de ensinar e o aluno de aprender. Não estará ocorrendo educação; só ocorrerá educação no “aprender a aprender”, [...] mas, seu centro está no saber pensar...].

Para Passos (1992, p. 16), a prática pedagógica é, constituída por um conjunto de meios através do qual as teorias pedagógicas são colocadas em acção pelo professor, cuja finalidade é a transformação real, objectiva, natural e social, para satisfazer a necessidade humana.

Segundo os teóricos citados e com base em modelo metodológico da resolução de problemas, que se assenta no planeamento de situações de ensino e aprendizagem, ou seja, em actividades e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos, a aprendizagem dos conteúdos escolares em geral não se dá só por um processo de memorização de informações, mas também é preciso pôr em evidência situações do real e o social, em que esses conteúdos representam valores e exercitá-los com frequência para poderem realizar actividades com habilidade e desenvoltura.

O professor deve conhecer os processos de aprendizagem dos alunos, os conteúdos a serem ensinados e as formas de ensinar.

Para isso é preciso que os alunos aprendam a reflectir e cabe ao professor esse papel para poder conseguir resultados no seu trabalho.

As propostas pedagógicas devem sempre resultar do “cruzamento” dos objectivos de ensino traçados e das possibilidades de aprendizagem dos alunos. Claro que não se deve esquecer do conhecimento prévio do aluno, a confiança na própria capacidade, a disponibilidade e curiosidade de aprender, a valorização dos saberes que possui e o sentimento da importância do trabalhar em grupo, são alguns factores que explicam por que, há sempre lugar para a construção de diferentes aprendizagens, a partir de um mesmo ensino.

## **1.2 CONSTRUTIVISMO**

O construtivismo é a concepção pela qual um indivíduo aprende as coisas da realidade ao coloca-las em relação aos seus conhecimentos anteriores.

Essa concepção leva o professor a repensar o seu papel como educador. Ao invés de ser somente transmissor de ideias e informações, torna-se o agente do desenvolvimento do aluno, estimulando-o a raciocinar em vez de imitar.

O professor leva o aluno a aprender através da descoberta e a entender os “erros” como hipóteses e motiva-lo a ter prazer em discuti-los com os outros, promovendo o conflito interno e a evolução do pensamento.

Essa postura de gerar conflito facilita a aprendizagem, desenvolve a inteligência e leva as pessoas a pensar muito quando erram, porque surgem os “porquês,” o “como fazer “ e o “saber fazer”.

Segundo a Revista FAEEBA, Salvador nº6, Jul./Dez.1996:

O erro constrói.

Para a criança, assim como na ciência, uma hipótese é aceite como verdadeira até que surja outra que a derrube.

Elas vão reformulando suas hipóteses no decorrer do seu desenvolvimento. Desta forma o erro é visto como uma etapa dentro do processo de aprendizagem e serve como indicador do raciocínio da criança, possibilitando a interpretação e interferência do educado no processo de ensino aprendizagem do seu educando.

A medida que as crianças vão crescendo, adquirem novos conhecimentos vão testando as suas hipóteses e renovando-as com base nos novos conhecimentos adquiridos.

Esta corrente pedagógica tem como um dos eixos principal o encorajamento dos alunos a serem autónomos, independentes, a tomarem iniciativa e a experimentarem as suas ideias com convicção de maneira construtiva.

### **1.3 – INTERDISCIPLINARIDADE**

O desenvolvimento das ciências e os avanços da tecnologia, no séc. XX, constataram que o sujeito pesquisador interfere no objecto pesquisado, que há neutralidade no conhecimento, que a consciência da realidade se constrói num processo de inter - penetração dos diferentes campo do saber.

Tendo em consideração os novos paradigmas da sociedade, em que as vantagens comparativas já não são as matérias-primas mas as bases de conhecimento, os valores, as capacidades de inovação, a educação através das escolas tem de reflectir essas preocupações.

As actividades escolares e a própria cultura da escola têm de passar a representar a natureza dos novos processos de formação de alunos. Caberá a escola o papel de garantir aos alunos conhecimentos mínimos e ser um espaço onde se partilham os saberes.

Para o efeito, os currículos escolares que ainda se estruturam fragmentadamente, ao sistematizar o ensino do conhecimento e muitas vezes seus conteúdos são de pouca relevância para os alunos, devem ser concebidos de uma forma partilhada em termos de conteúdos entre as disciplinas e em termos de tempo. Devem também reflectir a vivência dos alunos. Daí a introdução da interdisciplinaridade.

O professor ao adoptar na sua prática pedagógica a interdisciplinaridade como metodologia do currículo escolar, está a levar os alunos a tomarem maior consciência da realidade e tentar ajudá-los a observar os fenómenos complexos e confrontá-los sobre diversas situações de aprendizagem.

Por isso há necessidade de um trabalho de equipa entre as coordenações das várias disciplinas afins e elaboração de um plano integrado, escola, corpo docente e discente de forma a atingirem o objectivo pretendido.

No âmbito da disciplina da língua portuguesa é possível adoptar essa iniciativa: o mesmo tema pode ser tratado por diferentes disciplinas (História, Cultura cabo-verdiana, Filosofia, Francês, Inglês) desde que no início do ano lectivo os respectivos coordenadores elaborem um plano conjunto para sua implementação.

Há necessidade de elaborar estratégias de intervenção integrada, pois determinadas matérias se forem ensinadas

## 14- SÓCIO - CONSTRUTIVISMO

Segundo Liberali (1996:5), apesar da contribuição valiosa dos naturalistas para a compreensão do erro e da percepção do desenvolvimento do aluno, ficou uma lacuna: a valorização do papel da interacção na aprendizagem.

É neste contexto que, surge, então, uma nova visão de aprendizagem: o sócio-construtivismo.

Dentro desta visão, a interacção é entendida como qualquer acto comunicativo que conduz ao desenvolvimento do aluno através de mediação, o qual tem, assim, um papel determinante no desenvolvimento da aprendizagem.

A mediação passa por dois momentos: a) interpessoal; b) intrapessoal.

Na **interpessoal**, o aluno, para aprender apoiar-se-ia no outro para construir conhecimento. Este momento estaria ligado à ideia de ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) «a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial», (Vygotsky 1930:89, apud Liberali 1994:5). Ou seja, nesta zona o desenvolvimento estaria relacionado com aquilo que o aluno pode produzir a partir da interacção com o outro, adulto ou par mais desenvolvido.

No **intrapessoal**, o aluno teria ele próprio construído o conhecimento e não ficaria dependente do outro.

Nesta perspectiva, de acordo com Liberali (1994), e Goldfarb (1989) os alunos, são levados a tomar consciência da sua aprendizagem e a responsabilizar-se por ela pelo desafio constante de ter de procurar alternativas, demonstrando, justificando e explicando os seus pontos de vista.

Assim, esta actividade exigiria do aluno a procura de “estratégias e funções mentais cada vez mais desenvolvidas para perceber e resolver o problema criado na acção compartilhada” (Liberali, 1994: 7).

Assim, segundo Liberali (1994), estaria explicada a flutuação no desempenho do aluno, em um momento poderia não cometer erros, se estivesse apenas a “repetir” uma fala do outro, mas, num outro momento, em que estivesse a procurar assumir o controlo da aprendizagem, testando as suas hipóteses, poderia voltar a cometê-los e, quando já se tivesse apropriado de um determinado conhecimento, noutro momento, ele voltaria a não cometer erros.

Ou seja, o professor, ao verificar essa situação de mutação no desempenho do aluno levaria - lhe à auto-correcção, na tentativa de construir e transformar significados de modo a produzir e controlar conscientemente a sua produção.

Assim, os modelos de produção escrita propostos dentro dos paradigmas positivista e cognitivista tinham como foco os aspectos morfofonológicos e sintácticos. Estes modelos não se preocupavam, portanto, com os aspectos sócio-culturais envolvidos na produção escrita.

É neste contexto que Nystrand (1982, apud Martins Fontes, 1996) defende que o texto deve estabelecer uma adequada relação entre o escritor e o leitor. Assim, para ele os aspectos gráficos, sintácticos, textuais e contextuais poderiam quebrar essa relação.

De acordo com Martins Fontes (1996), os erros de escrita, tal como acontece no desenvolvimento da oralidade, eram vistos pelos cognitivistas como algo inerente ao processo de aprendizagem da escrita, e eram definidos em função do padrão linguístico estabelecido pela classe dominante. Procurava-se o cumprimento da norma culta.

Assim sendo, a análise de um texto escrito ultrapassa os níveis fonológico, morfológico e sintáctico para passar a considerar aspectos mais específicos da escrita como: género (tipos e subtipos de texto com a sua forma de organização interna, estruturas linguísticas e apresentação gráfica específica), tipos de discurso, léxico, registo e procedimentos de coesão e coerência.



É neste contexto que se pode entender, no plano didáctico, a introdução de outros conceitos referidos por Amor (1993:155): inadequação, ambiguidade e ruptura, que, segundo essa autora, permitiriam compreender melhor a realidade.

## **CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS**

Nesta secção iremos abordar alguns procedimentos pedagógicos indispensáveis que facilitam o professor durante o processo ensino aprendizagem, principalmente no que toca as dificuldades da oralidade e escrita.

### **2.1- INTERACÇÃO PROFESSOR X ALUNO**

O processo de ensino aprendizagem é bastante complexo e exige muito do professor do aluno e dos encarregados de educação. Mexe com várias componentes do ser humano, principalmente a área comportamental e cognitiva que professor deve conhecer minimamente para numa relação de convivência diária saber lidar com situações que apareçam na sala de aula.

Dentro de uma perspectiva sócio – construtivista, o foco da aprendizagem está na interacção e na mediação, concretamente nas ajudas que o professor dá aos alunos durante o processo de ensino aprendizagem.

Conhecendo os alunos, sabendo das suas dificuldades e a postura do professor em mostrar-se disponível em colaborar, a interacção professor aluno processa-se de uma forma natural e facilita a aprendizagem.

Essa interacção pode processar - se de várias formas: através de sinais explícitos e implícitos em que o aluno apercebe – se de que o professor quer ajuda-lo; valorização da intervenção dos alunos; participação espontânea dos mesmos; espírito crítico e construtivo tanto por parte do aluno como do professor e elogios quando merecem.

Esta postura ajuda no relacionamento entre professor / aluno / escola, e o professor e os alunos sairão a ganhar.

### **2.2 – PLANIFICAÇÃO**

A planificação é uma das componentes do sucesso do ensino aprendizagem. É preciso como tudo na vida organizar, planear para se conseguir objectivos e no ensino é fundamental um processo dinâmico de interacção entre os professores de modo a partilhar experiências e saberes, numa perspectiva de articular os interesses dos alunos e de actividades, dos professores e da escola.

Ao se planificar deve-se ter em conta o quê, para quê, quando e como planificar. Os alunos deverão ser chamados como parte activa da mesma, com contribuições valiosas que deverão ser negociados.

Para se planificar deve-se ter em conta algumas variáveis em relação ao perfil do aluno: idade, capacidades, conhecimentos, destrezas, interesses e necessidades, bem como que tipo de plano.

Segundo Fischer, 1989 pode-se ter três tipos de planificação: a longo prazo que consiste em transmitir para o contexto concreto de uma comunidade escolar, as determinações enunciadas no programa da disciplina para determinado ano de escolaridade; a médio prazo que consiste na programação de unidades didácticas, adequar as previsões feitas a longo prazo e a do curto prazo que traduz no plano de aula, que é realizado num contexto muito limitado e para um determinado tempo.

No caso em concreto, não basta somente planificar, é preciso ser flexível, rever o que foi planeado e se for necessário planear de novo, porque “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Posto isto, podemos acrescentar que, para uma gestão pedagógica do erro é preciso planificar, saber o quer, para onde quer ir, quando e como, porque o objectivo último da aprendizagem da língua é a comunicação.

## **2.3 -AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

A instituição social escolar exige, pela função que desempenha, que o processo de ensino / aprendizagem seja submetido a uma avaliação formal que conduza a classificações precisas.

Para que tal processo seja reconhecido na sociedade teve de ser objecto de um juízo de valor traduzido numa nota.

Assim a avaliação tornou-se um meio de a instituição afirmar perante a sociedade de que reconhece àquele sujeito determinadas competências que lhe permitem preencher determinadas funções.

Neste contexto, professores, alunos e encarregados de educação, não podem alhear-se das funções sociais da avaliação, entendendo-a como um procedimento que tem obrigatoriamente de ser feito em momentos bem determinados e com objectivos precisos.

É assim que o professor é forçado a prever momentos próprios para realizar avaliações. E, vários são os tipos que são postos à disposição do professor: diagnóstica, formativa, formadora e sumativa. Cabe ao mesmo saber qual, como e quando utiliza-las. A avaliação deve atender à diversidade dos alunos e ao mesmo tempo, assuma essa diversidade como ponto de partida para a definição dos próprios mecanismos de regulação de aprendizagens.

Segundo, Leite e Fernandes, (2002:47), é importante que os alunos tenham noção dos saberes que já possuem e conheçam o seu funcionamento cognitivo, para que “ criem em si uma imagem positiva e aprendam a agir sozinhos”

Numa perspectiva construtivista é necessário definir o que é importante que o aluno aprenda, assim como diagnosticar as suas dificuldades, para poder tomar decisão sobre os melhores processos que conduzam à aquisição das aprendizagens. Ela projecta-se sobre o processo didáctico e não sobre os resultados. A acção do aluno é valorizado na construção dos saberes, mas, o professor tem de promover conflito cognitivo que conduzam a essa construção.

É assim que, para avaliar os alunos deve-se ter em conta o que se deu e a forma como se deu a matéria que irá ser avaliada e utilizar uma grelha que tenha em consideração a taxionomia de Bloom ou a tipologia de exercícios de Neuner/Krunger cujo objectivos implicam a realização de certo tipo de exercícios, segundo grau de dificuldade dos alunos.

Pensamos que com esses procedimentos pedagógicos poderemos ajudar os nossos alunos a diminuir as suas dificuldades.

## **2.4 – MOTIVAÇÃO**

Qualquer actividade precisa de uma dinâmica e esta define-se por uma energia e por uma direcção. No que respeita à psicologia, a dinâmica procede das motivações.

O conceito de motivação engloba “os motivos conscientes e os inconscientes, as necessidades de origem biológica, as reacções afectivas aos estímulos vindos do meio ou do próprio indivíduo”.

Forças interiores ao indivíduo, as motivações, criam nele uma certa tensão que orienta a actividade para as situações que esta se aplica. Num projecto educativo, o problema é o de suscitar nos alunos as motivações que vão apoiar a actividade necessária para o conseguir. Este problema pode ter diversas soluções relacionadas, com os modelos pedagógicos a que se pode recorrer.

Se o aluno não estiver motivado para aprender, e se esta atitude não for incutida pelos professores, não haverá aprendizagem por mais que o professor planifique as suas actividades e utilizar métodos e estratégias para o efeito.

O professor tem que estar motivado para poder transmitir aos seus alunos essa vontade de aprender a aprender.

### **CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS ERROS COMETIDOS PELOS ALUNOS**

Pudemos constatar que muitos alunos, do ensino secundária têm problemas em comunicarem e escreverem em português, embora, desde os jardins-de-infância convivam com a língua portuguesa, pois ela é a nossa língua oficial.

Assim, durante o 1º trimestre do ano lectivo observamos os alunos de uma turma do 8º ano e acompanhamos o percurso de aprendizagem dos mesmos, verificamos que não falavam o português com os colegas na sala de aula e com o professor o dialogo era o necessário e muitas vezes arrancado a ferro.

Muitos afirmam que falavam somente crioulo no ensino básico e que gostariam que a língua crioula fosse a língua de aprendizagem, porque sentem mais à vontade ao falarem, em qualquer circunstância.

No 2º trimestre, durante as aulas de oralidade / escrita cujo objectivo era provocar diálogo entre os alunos para depois produzirem textos individuais na sala de aula, e um outro texto livre em casa, com ajudas dos pais, pesquisas, etc. (textos anexos)

Os alunos já possuíam alguns conhecimentos, pois estavam no 8º ano, numa turma mista em termos de idade e de procedências (Praia urbana, rural e ilhas) o que evidencia um grupo bastante heterogéneo, o que determinou a sua escolha para amostra.

Os erros que a seguir apresentaremos ocorreram numa situação de comunicação durante a aula em que o professor conduziu a interacção entre os alunos sobre tema “Carnaval”depois individualmente produziram os textos. Os outros textos os alunos escolheram temas diversos e o texto apresentado ao professor posteriormente.

Na análise dos textos e dos erros foram tidos em conta: o carácter do aluno, as motivações, as aptidões demonstradas ao longo da aprendizagem e ainda os conhecimentos anteriores, pois sem essas variáveis não seriam possíveis identificar e classificar esses erros.

Também, foi feita reflexão sobre o conteúdo, a metodologia utilizada e sobre a própria linguagem, porque houve momentos que se utilizou o crioulo para que os alunos pudessem compreender o que se queria dizer.

O professor experiente, com formação em disciplina que lecciona, conhecia os alunos, e da correcção dos textos encontrou os seguintes erros:

### 3.1 - NÍVEL GRAMATICAL

Os erros cometidos pelos alunos a esse nível incidem sobre a concordância, o artigo, a ordem das palavras e uso da preposição.

### 3.2 - CONCORDÂNCIA

Os alunos cometem erros de concordância a nível do singular/plural e feminino/masculino.

#### 3.2.1 - SINGULAR/PLURAL

No crioulo cabo-verdiano, o verbo não tem flexão de pessoa, portanto, não há concordância entre nomes e verbos. Também não há concordância entre os nomes e os adjectivos e os nomes e os verbos. Segundo Dulce Pereira (1982:47) esta ausência de flexão no verbo e nome pode ser classificada de interferência morfológica.

##### Exemplos:

\* “*Todo mundo brincam Carnaval*”. (texto 2/A1, linha 1)

A frase correcta seria: *todo mundo brinca o Carnaval*

\* “*...A comunidade... estão concentrado...*” (texto 1/A2, linha 10)

A frase correcta seria: “*... A comunidade... está concentrada...*”

\* “*...muito pessoas cabo-verdiana...*” (texto 1/A2, linhas 13/14)

A frase correcta seria: “*...muitas pessoas cabo-verdianas...*»

\* “*...os homens devem dar mulher as suas valores...*” (texto 3/A3, linha 26)

A frase correcta seria: “*...os homens devem dar as mulheres os seus valores...*»

#### 3.2.2 - FEMININO /MASCULINO

No crioulo de Cabo Verde, existe o género neutro. Isto quer dizer que não existe um género feminino e um género masculino como acontece com a língua portuguesa. Um único género é utilizado para o feminino e para o masculino, que nesse caso, corresponde ao género masculino Português. Como implicação, a tendência dos alunos é não fazer a concordância no feminino.

##### Exemplos:

\* “*...um grande morabilidade...*” (texto 1/A3, linha 12)

A frase correcta seria: “*... uma grande morabilidade...*”

\* “*...a mulher e bom...*” (texto 3/A1, linha 5)

A frase correcta seria: “*...a mulher é boa...*”

\* “*...do seu língua...*” (texto 1/A3, linha 25)

A frase correcta seria: “*...da sua língua...*”

### 3.3. ARTIGOS

A estrutura da língua materna (crioulo) não contempla artigos. Por essa razão, os alunos omitem o artigo.

#### Exemplos:

\* “...*difundindo nossa...*” (texto 1/A2, linha 3/4)

A frase correcta seria: “...*difundindo a nossa...*”

\* “...*como outros...*” (texto 2/A1, linha 13)

A frase correcta seria: “...*como os outros...*”

### 3.4 - ORDEM DE PALAVRAS E PREPOSIÇÃO

No crioulo de Cabo Verde, segundo Dulce Pereira (1982:46) os complementos/argumentos de um verbo como, por exemplo «dar» têm a seguinte ordem obrigatória: «o beneficiário ocorre primeiro, logo a seguir o verbo, sem qualquer preposição a antecede-lo e só depois o objecto».

Temos assim que:

a) A ordem das palavras em Português é de SV/OD OI e no crioulo é SV/OI OD.

b) Na estrutura do crioulo diferentemente do Português o objecto indirecto não é antecedido de preposição. Como implicação, os alunos alteram a ordem das palavras nas suas produções em L2 e omitem a preposição que rege o OI.

#### Exemplos:

\* “*Os homens devem dar mulher as suas valores.*” (texto 3/A3, linha 26)

A frase correcta seria: *Os homens devem dar valor às mulheres...*

\* “...*Eu gosto brincar carnaval...*” (texto 2/A1, linha 18)

A frase correcta seria: “...*Eu gosto de brincar o carnaval...*”

Como se vê no segundo exemplo, mesmo nos casos em que a preposição é seleccionada obrigatoriamente pelo verbo, ela é omitida.

### 3.5 - NÍVEL LEXICAL

O Léxico do crioulo de Cabo Verde é essencialmente de base portuguesa. A semelhança leva a alguns erros.

#### 3.5.1 - SINGULAR PLURAL

No Português existem palavras que só são usadas no plural. O mesmo não acontece no crioulo. Essas palavras que são usadas no plural na L2 e no singular no L1 provocam uma mistura de léxico, o que leva o aluno a utilizar palavras do português que se usam só no plural, no singular.

#### Exemplos:

\* “...*eu visto-me uma calça velha uma camisa branca uma casaco com gravata e sapato velho...*”

(texto 2/A3, linhas 20 a 22)

A frase correcta seria: «...eu visto umas calças velhas, uma camisa branca, um casaco com gravata e sapatos velhos...»

### 3.5.2 - INVENÇÃO DE PALAVRAS

Os alunos muitas vezes têm dificuldades em encontrar na L2 um item lexical correspondente ao da L1. Quando não conhecem a palavra da L2 utilizam a que conhecem L1 como, por exemplo, “sabe” dos exemplos.

Outras vezes «inventam» uma palavra como, por exemplo, “inexistível” dos exemplos.

#### Exemplos:

\* “*Um grande morabilidade*” (texto 1/A3, linha 12)

A frase correcta seria: “...*Uma grande morabeza*”

\* “*Todas as pessoas estão sabe e unido ums aos outros*” (texto 2/A3, linha 24)

A frase correcta seria: *Todas as pessoas estão satisfeitas e unidas uns aos outros.*

\* “*E de dia tomo meu pequeno-almoço (é de cedo)*” (texto 2/A3, linhas 12/13).

A frase correcta seria: “*de manhã tomo meu pequeno almoço*”.

\* “... *inixistivel*...” (texto 3/A3, linha 9)

### 3.5.3 - ACRÉSCIMO

A semelhança referida também provoca erros por acréscimos que o aluno vai buscar à L1. Por exemplo, no crioulo de Santiago a palavra [mas] é utilizada como [mas] e [mais]. Não há diferença entre as duas palavras como acontece em português.

Por isso, os alunos utilizam o [mas] e acrescentam o acento para estabelecer a diferença.

#### Exemplo:

\* “*Más devido a competição...*” (texto 2/A2, linha 9)

A frase correcta seria: *Mas devido a competição...*

## 3.6 - NÍVEL FONÉTICO / FONOLÓGICO

A analogia entre os sons das duas línguas induz os alunos a erros na escrita. Com efeito, o contacto permanente permite-lhes o acesso a sons semelhantes e diferentes das duas línguas e quando têm necessidade de escrever aparecem dificuldades.

### 3.6.1 - SOM / GRAFEMA

Assim, por exemplo o som [s] é representado por vários grafemas da L2 [s], [ss], [x], [c] e [ç]. O aluno fica confuso e sem saber escolher o grafema adequado.

Exemplos:

\* "...desvilhe..." (texto 2/A1, linha 16), \* "...encinar..." (texto 1/A2, linha 15), \* "...pertencem..." (texto 1/A2, linha 16), \* "...abitos..." (texto 1/A3, linha 3).

O correcto seria: "...desfile...", "...ensinar...", "...pertencem..." e "...hábitos..."

### 3.6.2 - OPOSIÇÃO [ R ] [ RR ]

Segundo Dulce Pereira (1982:47), a oposição [r] e [rr] não existe no crioulo de Santiago, ao passo que ela existe na língua portuguesa. Por isso, encontramos erros nos textos dos alunos, como se pode ver nos exemplos abaixo.

**Exemplos:**

\* "...corijem..." (texto 1/A3, linha 10), \* "...corração..." (texto 3/A2, linha 26) e \* "...interessante..." (texto 2/A3, linha 12).

O correcto seria: "...corrigem...", "...coração..." e "...interessante..."

## 3.7 - NÍVEL ORTOGRÁFICO

A nível ortográfico foram encontrados erros de «performance» que englobam:

### 3.7.1 - A ACENTUAÇÃO (FALTA DE ACENTO)

**Exemplos:**

\* "...linguas..." (texto 1/A3, linha 17); \* "...musica..." (texto 1/A2, linha 6); e \* "...lideres..." (texto 1/A1, linha 12).

O correcto seria: "...línguas...", "... música..." e "...líderes..."

### 3.7.2 - TROCA DE LETRAS

**Exemplos:**

\* "...fifundir..." (texto 1/A2, linha 14), \* "...desvilhe..." (texto 2/A1, linha 16) e \* "...cumum..." (texto 1/A3, linha 3).

O correcto seria: "...difundir...", "...desfile..." e "...comum..."

### 3.7.3 - E OUTROS

**Exemplos:**

\* "...enarme..." (texto 2/A1, linha 7), \* "...conunidade..." (texto 1/A3, linha 1) e \* "...Mocanbique..." (texto 2/A2, linha 3).

O correcto seria: "...enorme...", "...comunidade..." e "...Moçambique..."

## CAPÍTULO IV – SUGESTÕES DE ACTIVIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As actividades e práticas pedagógicas que iremos apresentar serão hipóteses de correcção dos erros apresentados. Contudo devem ser utilizadas tendo em conta o contexto de sala de aula em que os procedimentos enunciados no capítulo II devem estar presentes.

Se realmente queremos que os nossos alunos melhorem, teremos de elaborar estratégias e actividades que de facto facilitam o ensino aprendizagem.

Posto isso, apresentaremos a sugestão do uso do hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula.

### O que é hipertexto?

A partir da presença do computador na sala de aula, pode-se construir e interpretar textos, mostrar que não há formas naturais de produção textual e analisar como a tecnologia e cultura interagem de forma sistemática e significativa para interferir nas práticas de escrita. O uso do computador não deve tornar-se o foco da aprendizagem, mas deve ser entendido como novo *espaço de escrita*. É um espaço aberto, um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto.

### Como funciona?

Os escritores e leitores de hipertexto dependem de um esquema organizacional baseado no computador que lhes permita mover-se, rápida e facilmente, de uma secção de texto para outras relacionadas ao texto. Cada leitor faz suas escolhas e há possibilidades de se produzir uma série de previsões para a produção de um texto final que será diferente de leitor por leitor.

Outro aspecto importante é a produção hipertextual colaborativa que é conhecida por “escrita colaborativa” que é possível se fazer em grupos com um só computador ou em rede.

Esse tipo de trabalho permite aos alunos partilharem os conhecimentos explorando e negociando entre si para construção de novos conhecimentos de uma forma diferente, produzindo textos autónomos, não linear que podem ser lidos em qualquer ordem, o que não era comum.

Uso real da linguagem na sala de aula, consiste em levar a vida – o quotidiano para a sala de aula de língua portuguesa e estudá-la nas situações mais corriqueiras do nosso dia-a-dia. A partir dessa estratégia os alunos são confrontados com diversas situações que conhecem da sua vivência e que em situação de comunicação não sabem como actuar.

Outra sugestão é a utilização de letra de música para o ensino da língua portuguesa. A observação atenta de letra de música de modo a destacar as formas representativas de variantes regionais, registar a representação ortográfica bem como as grafias que seguem as regras ortográficas.

A partir de letras de música podem ver as diferenças nas pronúncias, o significado das palavras, a denotação que as palavras estão sujeitas, o uso de neologismos e estrangeirismos e ainda anotar a criatividade dos alunos em inventar e recriar palavras.

Uma hipótese de trabalho com os alunos seria o treino dos diálogos, adequando cada intervenção por exemplo à personagem que vai representar, enriquecendo as palavras dessa personagem com elementos da sua vivência ou inventando-as de modo que pareçam verdadeiras. Para que tal aconteça os alunos têm de ser capazes de estruturar o discurso oral para quando pegarem numa folha de papel transformá-lo em diálogos escritos e depois confrontar os dois textos.



Também poder-se-ia fornecer aos alunos textos incompletos pedindo-lhes que completassem ou textos para que concluíssem, para compreenderem as implicações, por exemplo, de cada verbo empregue, a originalidade e a expressividade da escrita de cada um e a multiplicidade de opções possíveis.

Ensinar a escrever é uma tarefa árdua. Exige muito trabalho. Há uma série de actividades, de exercícios, quer de análise, quer de observação e sistematização, que têm de ser feitos para que os alunos possam perceber o que está em jogo quando lhes são pedidos textos escritos. Portanto, o professor só pede ao aluno que redija um texto escrito depois de muito trabalho prévio feito por ele e pelo aluno: leitura e análise de textos, atenção a certos fenómenos linguísticos e retóricos, exercícios com a língua e aplicação de conhecimentos e técnicas de redacção, entre outros.

Um aspecto a considerar no ensino da língua portuguesa é a metodologia a adoptar, dado que ela é ensinada como se fosse a nossa língua materna. Daí a necessidade de rever os programas e os currículos escolares, bem como a introdução do estudo da língua materna – crioulo, de modo a compará-las e levar os alunos a compreenderem o porquê dos desvios e porque esses desvios são considerados erros numa comunicação, por uns e aceitáveis por outros.

Em relação à metodologia podemos recorrer à abordagem comunicativa participativa em que a oralidade domina a actividade, em que se criam e aproveitarão situações, em que surge o diálogo.

O docente motiva, coordena, dirige, mas não é o único activo nesse processo. Os alunos têm papel principal no ensino aprendizagem, porque sem a sua participação efectiva não haverá aprendizagem. Para que tal aconteça é preciso:

- Busca constante de inovações;
- Uso eficiente do espaço pedagógico;
- Dar importância do diagnóstico de cada aluno, permitindo tomar em consideração tanto as diferenças individuais como fazer um prognóstico do avanço potencial do mesmo;
- A actuação do professor deve fundamentar-se numa visão pedagógica e na interrelação entre os actores educativos;
- Promover actividades integradas na vida do aluno, vinculando escola e comunidade;
- Admitir que o professor pode se equivocar. O erro é problematizado nas experiências relatadas, sendo transformado numa potencialidade educativa;
- Ter clima de confiança entre alunos e professores;
- Capacitação do professor como base para a elaboração de estratégias pedagógicas;
- As rotinas diárias são importantes. Podem e devem predominar rotinas que permitam a integração entre professores e alunos;
- Outro elemento que favorece a aprendizagem da língua é o trabalho de grupo;
- O trabalho de casa deve ser utilizado acompanhado de uma estratégia de desenvolver actividade intensa na escola, de tal modo que o aluno continue esse processo fora dela, mas como tarefa;
- Relação adequada da quantidade de alunos por professores;
- Avaliação: formativa e formadora ao serviço da própria aprendizagem;
- Provocar no aluno uma tomada de consciência das suas possibilidades e limites, favorecendo sua auto-estima, elemento imprescindível ao processo ensino aprendizagem;
- Participação na elaboração do projecto pedagógico da escola;
- Ter sempre em atenção as três fases do processo da escrita: pré escrita, escrita e pós escrita em

concertação com também as três componentes fundamentais do processo de produção escrita: o sujeito, o contexto da tarefa e o processo.

Ainda podemos utilizar as técnicas do uso da regra para desenvolvimento da competência comunicativa, a técnica da substituição de palavras, o apelo e evocação do conhecimento. Não podíamos deixar de lado a tecnologia inovadora, ou seja, a forma como o homem utiliza meios e técnicas para facilitar e inovar o seu trabalho.

A educação na visão de Gama (apud Bastos, 1986/1998,p.13), não seria apenas a aplicação de técnicas, mas a vinculação dos modos de produção, socorrendo cientificamente às teorias e métodos, para melhor aplicar e realizar o processo de produção, muitas vezes gerando novas formas de produção de interrelação.

Para Santos (2000), a tecnologia inovadora está relacionada também à informação, por meio da cibernética, da informática permitindo a comunicação entre as técnicas que se relacionam com a questão do tempo e a convergência dos momentos, acelerando por conseguinte o processo da globalização.

Bastos (1998:82), entende que os sujeitos são detentores de saberes gerados de novos conhecimentos, a partir de experiências compartilhadas entre todos, não para ensinar e aprender, mas para aprender a aprender. Ou seja, formam-se sujeitos reflexivos e críticos com uma postura que proporcione uma acção comunicativa, uma visão do todo.

Para (Beharens, 1999,p.17/18), a sociedade do conhecimento e da informação do Séc. XXI vem desafiar os modelos educacionais por necessitar da superação da reprodução do conhecimento em defesa de uma prática pedagógica que leve à pesquisa e ao aprofundamento teórico para produções científicas, com criatividade, ética e visão global.

Cabe, portanto a criação de um projecto pedagógico no qual a prática docente se caracterize pela figura de um professor mediador, investigador, criativo e competente, capaz de transitar entre o conhecimento elaborado e a produção do aluno, na tentativa de entender que a comunicação e o compartilhar de ideias auxiliam na visão do todo.

Posto isso, que sugestões de actividades para erros de **nível gramatical**?

Esses erros incidem sobre a concordância, o artigo, a ordem das palavras e uso da proposição.

A primeira sugestão tem a ver com as estratégias, método e técnicas a utilizar. Quaisquer das já referidas podem ser utilizadas de acordo com os objectivos a serem atingidos e das dificuldades dos alunos.

A segunda tem a ver com a urgência do ensino da língua materna nas nossas escolas. Estudando a nossa língua que é a mais usada do que a língua oficial, o português, estamos a dar aos nossos alunos ferramentas para poderem evitar muitos desvios, que são causados por falta de conhecimento das regras do crioulo.

Os exemplos apresentados: “Todo **mundo brincam** Carnaval”, “... **a comunidade estão**...” no crioulo cabo-verdiano o verbo não tem flexão de pessoa e não há concordância entre nomes verbos e adjetivos, se os alunos conhecerem as regras da língua de certeza esses erros seriam evitados.

Outra dificuldade tem a ver com o género neutro existente no nosso crioulo que causa problemas na produção escrita dos alunos e não só. Basta ver os exemplos da p.21, ponto 3.2.2.

O que é que o professor deve fazer na sala de aula perante esses erros?

Uma das condições básicas é ter uma sala de aula com as mínimas condições possíveis, principalmente ter um computador para realização de actividades em grupo ou individual.

Aproveitar relatos, brincadeiras, diálogos, discussões dos alunos que são feitos em crioulo e oral,

para realização de actividades de produção escrita e fazer correcção das mesmas em grupo, possibilitando assim reflexão e participação de todos.

Em grupo de quatro fazer recolha de palavras em crioulo compará-las em português quanto ao género, número e concordância.

Recorrer ao trabalho de casa, criando grupos semanais com objectivos claros e cada membro com função específica, por exemplo ouvir o noticiário e anotar possíveis erros para reflexão na aula ou fazer leitura de jornais, revistas e livros anotar as dúvidas para análise em conjunto na sala de aula e pesquisas individuais.

## NÍVEL LEXICAL

A utilização de letras de música na sala de aula seria uma das propostas para trabalhar esse tipo de erro.

A partir da música que os alunos conhecem, com letras do dia-a-dia, da sua vivência, levar os alunos a identificar as palavras que conhecem e as que não conhecem. Depois comparar as palavras que conhecem com as que usam no quotidiano, questionando por exemplo: escrevem-se da mesma maneira? Têm o mesmo significado? Quando é que se deve utilizar uma e outra? etc.

A compreensão da letra da música é fundamental por que leva os alunos a reflectirem sobre qual o conteúdo da mesma e a partir daí pegar por exemplo de uma palavra produzirem um texto.

Também podemos recorrer a técnica do apelo ao conhecimento. O aluno vai buscar à sua vivência, à sua prática conhecimentos extra-escolar e em trabalho de colaboração consegue socializar os seus conhecimentos, podendo confrontar e partilhar as suas hipóteses, trocando informações, aprendendo diferentes procedimentos e mecanismos para o trabalho colaborativo.

Como se sabe não é possível o professor acompanhar de perto todos os alunos principalmente em Cabo Verde onde o número de alunos por sala é elevado, mas com uma boa organização dos alunos em grupos, com o acompanhamento dos mesmos durante as aulas, com o objectivo de seguir o percurso de aprendizagem, o desempenho dos alunos, consegue-se fazer uma avaliação contínua e planear a intervenção junto a todos.

Uma outra sugestão é a correcção com comentário (escrito) e indicação de como proceder a sua correcção. Por exemplo:

“...eu visto-me **calça**...” o professor faz o seguinte comentário: porquê calça no singular? Consulte o dicionário. O aluno é obrigado a reflectir e vai construir sozinho a sua aprendizagem.

“Todas as pessoas estão **sabe**.” Professor: O que é sabe? A palavra corresponde a aquilo que querias? Procure sinónimo da palavra “sabe” e construa a frase de novo.

Depois das correcções e comentários feito o professor pede ao aluno que reformule o texto. Faz-se esta actividade no mesmo texto até se conseguir um bom texto.

Os alunos não aprendem todos da mesma maneira. Uns são lentos, outros têm níveis de compreensão e conhecimentos diferentes e, por isso, é preciso conhecer, analisar e acompanhar o que eles produzem, apesar deles serem sujeitos da sua própria aprendizagem. Eles têm de ter a visão da construção do seu próprio conhecimento. Por isso, aconselha-se o apoio pedagógico permanente na sala de aula e extra sala pelas seguintes razões:

- Por que representa uma possibilidade privilegiada de o professor investigar as causas das dificuldades dos alunos e planear intervenções didácticas que incidam nas causas dos problemas apresentados,

- Por que configura o espaço de investigação, onde o professor observa, investiga e conclui a respeito dos motivos de certas dificuldades, se levado aos outros professores e a coordenação pedagógica para discussão pode ajudar no planeamento de intervenções adequadas para solucionar as dificuldades dos alunos.

## NÍVEL ORTOGRÁFICO

Esses erros têm muito a ver com o uso da língua materna para comunicarem e a língua portuguesa para escrevem. Por isso torna-se imprescindível o ensino da língua materna nas nossas escolas. Também convém salientar que os erros fonéticos e fonológicos são responsáveis pela boa parte dos erros ortográficos.

Muitas vezes ouvem mal as palavras que às vezes têm uma certa semelhança com as palavras que estão habituadas a usar, daí a sua escrita entra numa frase sem razão de ser, ora mudada por completo. Por isso, o exercício de escuta activa é muito interessante e ajuda bastante na produção escrita.

Ao produzir um texto o aluno tem de ter conhecimento de como se deve produzir o texto, e cabe ao professor pôr em prática os três componentes da produção escrita (o sujeito, o contexto da tarefa e o processo da escrita) (Amor, 1999:pag. 111).

Para esse tipo de erro a técnica do uso da regra funciona, porque os alunos precisam saber que existem palavras que devem ser acentuadas e que se não acontecer provocam confusão a nível da escrita e do significado.

O professor pode apresentar actividades como: utilização de textos com palavras sem acentos para leitura e identificação das palavras que deveriam ter acentos, pedindo aos alunos que fizessem uma reflexão sobre a sua escolha.

A leitura é outra actividade que deve ser feita com objectivo de levar os alunos a observar e descobrir a escrita das palavras. Ao encontrar uma palavra por exemplo “comum” reflectir sobre a sua prática: *“eu escrevo cumum”*. *Será que estou errado? Vou procurar no dicionário. Comunidade escreve - se com “m” e não com “n”,porquê?* É ao aluno que cabe a tarefa de descobrir os porquês, se não conseguir pede ajuda aos colegas ou ao professor e ainda em casa aos pais.

Os jogos têm uma importância grande no ensino aprendizagem. Através deles os alunos conseguem soltar, comunicar, expressar sem medo de errar, sentem-se livres e têm a sensação de que não são vigiados e sobretudo aprender a brincar.

Por isso, a introdução de jogos diversos nas nossas práticas pedagógicas, não com o objectivo de motivar os alunos mas como actividades de busca de conhecimentos e de informações para nossa aprendizagem.

De entre vários jogos vamos apresentar-vos um que se chama “Party”, muito interessante que serve para utilizado em qualquer dos erros apresentados.

“Party” é um jogo educativo com várias funções e pode ser jogado em grupo (2 até 8) na sala de aula e em casa com a família.

É constituído por uma ampulheta, fichas com perguntas e respostas, uma placa com a distribuição dos grupos (5) por cores, gramofone e cinco discos coloridos de acordo com as perguntas, e um dado. Como funciona? O jogo é baseado nas cores: cor rosa palavras proibidas; cor roxa ler os lábios; cor verde mímica e som; pergunta e resposta e desenho. Começa-se a jogar colocando as fichas em cima da mesa de modo que ninguém vê o que lá está escrito. Os elementos do grupo combinam entre si e escolhem um para ser líder do grupo (rotativo). Qualquer resposta a ser dada tem de ser do consenso de

todos os elementos. Há casos em que qualquer um pode ir tentando: desenho, mímica ler os lábios, para poderem aproveitar o tempo. O 1º grupo a jogar apanha uma ficha, mostra aos outros grupos que é para fiscalizar. Se forem palavras proibidas, aparecem todas as palavras que ele não pode dizer para os colegas. Ex: Se a resposta for Luís de Camões, o líder não pode dizer para os colegas Lusíadas, etc. Coloca-se a ampulheta para marcar o tempo enquanto o líder vai dizendo coisas até acertarem. Terminado o tempo se o grupo ganhar continua a jogar e se perder o outro começa, assim sucessivamente até terminar o jogo. Para vencer o jogo o grupo finalista tem de responder uma pergunta que os outros escolhem e tem de ser uma resposta e de um elemento que o grupo selecciona.

Não poderíamos deixar de falar um pouco sobre os recursos materiais que os professores utilizam para concretização das suas aulas. Esses recursos, muitos são clássicos e de muito valor educativo, mas hoje as condições melhoraram consideravelmente. Podemos utilizar o computador, recolher informações e partilha-las na Internet e ainda os professores fabricam os seus próprios materiais de acordo com o conteúdo que se pretende ministrar.

Mas, como falamos de interdisciplinaridade, também em relação aos materiais é possível estabelecer essa parceria.

Por exemplo o material “cuisenaire” e o material dourado “Montessoriano” que são utilizados para o ensino de matemática, poderão ser introduzidos no ensino da língua em diversas matérias e temas que são propostos nos conteúdos da língua portuguesa, permitindo assim aos alunos uma aprendizagem motivadora, alegre e aprendendo a brincar.

Convém salientar que essas sugestões não terão efeito se forem utilizadas de forma isolada. A sua eficácia depende do contexto e do momento da sua utilização, tendo como o centro da aprendizagem sempre o aluno.



## REFLEXÃO FINAL

Se os alunos não tiverem oportunidades sistemáticas de leitura, escrevendo e dialogando, a escola correrá o risco de restringir-se à reprodução. Aliás, é uma prática que se quer banir nas nossas escolas: alunos que lêem sem compreender, escrevem textos simplesmente para agradar os professores etc. O que se pretende é que alunos e professores possam constituir-se como produtores de textos, serem capazes de produzirem a sua escrita, a sua comunicação no mundo, para que haja mudança nas práticas pedagógicas utilizadas até então.

Para que isso aconteça, todos os professores precisam assumir seu papel de mediadores da escrita. Cada professor deve em sua sala de aula utilizar conteúdos que motivam os seus alunos, solicitando-lhes que escrevam sobre aspectos da sua vivência sócio-culturais, propondo que estes textos sejam lidos e discutidos em sala com os colegas.

O professor orientará a reescrita dos textos sempre que necessário, para que digam com mais clareza e mais riqueza o que querem dizer.

Este trabalho conduziu-nos a reflectir sobre os espaços escolares, o relacionamento pessoal (alunos / professores /gestores), o papel da comunidade perante a educação e sobretudo o corpo discente a pensar e repensar a sua prática e postura perante os erros dos seus alunos, traçar acções interdisciplinares possíveis e desejáveis, com diálogo constantes a respeito das actividades de ensinar a escrever e oportunidade de construir sentido e produzir conhecimentos.

Assim, uma prática pedagógica competente exige a inter relação e a instrumentalização da metodologia inovadora, tendo como instrumento de interacção a rede de informação como suporte à prática docente;

A postura do professor é de ser o integrador, mediador, que promova a discussão e o diálogo;

O professor deve conhecer bem o ambiente escolar, o projecto educativo da sua escola e sobretudo o ambiente socio-económico e cultural dos seus alunos;

A linguagem deve ser diferenciada na sala de aula e as adaptações serão feitas constantes, para que ocorra o processo de ensino aprendizagem. Esta adaptação provoca diálogo e participação activa dos alunos;

A forma de estar e de fazer é fundamental para que haja um ambiente de camaradagem e de confiança entre alunos /professores e alunos /alunos, facilitando muito o ensino / aprendizagem;

O ensinar os alunos a pensar, reflectir sobre as suas práticas, sobre as dificuldades que sentem, quando usam a língua portuguesa, é extremamente necessário para que eles se sintam motivados em procurar meios de se superarem;

A diminuição de alunos nas turmas contribuiria muito para o sucesso da aprendizagem da língua portuguesa. O professor teria mais oportunidade de se sentar individualmente com os seus alunos ou em pequenos grupos para uma abordagem directa sobre o porquê dos erros que eles cometem;

Por em prática as técnicas, os métodos e as estratégias de uma forma integrada de modo a conseguir alcançar os objectivos preconizados, mas tendo sempre em atenção que os alunos estão em primeiro lugar. Eles são o sujeito do ensino aprendizagem. O professor deve trabalhar em função dos alunos e não preocupado em cumprir o programa.

Ter sempre em atenção as diferenças individuais ao nível da aprendizagem, as idades as oportunidades e possibilidades de que muitos não conseguem, dificultando o progresso no ensino aprendizagem.

Não esquecer a nossa língua materna. O ensino do crioulo nas nossas escolas é urgente. Resolverá muitos problemas aos nossos alunos e professores, principalmente os das línguas.

Temos a certeza de que se os professores estiverem “DE OLHO” nos seus alunos e utilizarem tudo que estiverem ao seu alcance, conseguirão os seus objectivos: ajudar os nossos alunos a utilizar e usar a língua portuguesa com mais frequência e correctamente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOR**, Emília, 1993. **Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologia**, Lisboa, Texto Editora.
- AZEREDO**, José Carlos (org.). **Língua Portuguesa em Debate, Conhecimento e Ensino**, Editora Vozes, Petrópolis, 2000.
- BEHRENS**, Marilda Aparecida. **Formação continuada do professor e a prática pedagógica**, Curitiba: Chanpagnat, 1996. [www.inep.gov.br/pesquisabbc/obras.asp?autor](http://www.inep.gov.br/pesquisabbc/obras.asp?autor)
- BRITO**, Arminda et alii, 1992. **Língua Portuguesa - Aperfeiçoamento Linguístico**.
- CAVACA**, Fernanda. **Ensinar / Aprender a Língua Portuguesa pela Vivificação de diferentes Culturas e pela Miscigenação Linguística**, Coleção Novas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 1997.
- CRISTOVÃO**, Vera Lúcia Lopes, 1996. **O uso de L1 no ensino aprendizagem de L2, O Real x O Possível**.
- DEMO**, Pedro, <http://edutec.net/texto/Alia/MISC/pdemo.htm>.
- FISCHER**, Glória et alii, 1990. **Didáctica das Línguas Estrangeiras**, Lisboa, Universidade, aberta.
- HENRIQUES** et **SIMÕES**, Cláudio Cezar e Darcília (orgs.). **Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino**. Editora Europa, 2004.
- FONSECA**, Fernanda Irene (org.) **Pedagogia da escrita, Perspectivas**, Coleção Linguística, Porto Editora.
- LIBERALI**, Fernanda, 1994. **O Papel do Coordenador no Processo Reflexivo do Professor**, PUC. S. Paulo.
- MARTINS FONTES**, Maria do Carmo, 1996. **Produzindo textos em Inglês - De palavra (Alheia) em palavra (Própria)**.
- MELO LOPES**, Amália M<sup>a</sup> Vera Cruz, 1997. **Aprendendo a Ensinar a Escrever em Português, Língua Segunda**, S. Paulo.
- PEREIRA**, Dulce, 1997. **Universo do crioulo**.

**PSICOPEDAGOGIA** Online, **Educação e saúde Mental**. <http://www.psicopedagogia.com.br/opinioao/opinioao.asp?entrID=83> Acesso em: 14 Ago. 2006.

**REVISTA FAEEBA**, Salvador nº 6 Julho/Dezembro, 1996;

**SILVA**, Dirceu, **Ensino de Tecnologia: Uma Investigação em Sala de Aula**, Professor da Faculdade de Educação UNICAMP Brasil.

**SOLIGO**, Rosaura, **Leitura e Escrita na Escola**, file://C:\Documents and Setting\ABCD\Os meus documentos\Leitura e Escrita na Es... Acesso em: 14 Ago. 2006.

**TAVARES J & ALARCÃO**, 1989. I, **Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem**, Coimbra Livraria Almedina.

**ZABALA**, Antoni. **A prática educativa, como ensinar**. Porto Alegre: Art Med, 1998.

## **ANEXOS**



## A comunidade Cabo-verdiana

1 Os principais líderes das comu-  
2 nidades Cabo-verdianas na Euro-  
3 pa encontram-se reunidos na  
4 Holanda sob os auspícios da  
5 T.A.C.V. - Cabo - Verde Airlines.  
6 **participam** neste encontro o **em-**  
7 **baixador de cabo - verde** na Holan-  
8 da, o presidente do **IAPE**, represen-  
9 **tante do promex e das Alfânde-**  
10 **gas** e ainda os delegados da TACV  
11 na Europa.  
12 os **líderes** de cada uma das  
13 comunidades têm um papel  
14 importante a desempenhar em  
15 ordem a **sensibilizarem** os nossos  
16 emigrantes para uma colabora-  
17 ção cada vez mais estreita e  
18 **proficia com a TACV.**  
19 **Lembramos que por outro lado,**  
20 **que foi a comunidade Cabo-Ver-**  
21 **diana ao pensar espalhados pelos**  
22 **quatro cantos do mundo que a**

transportadora aérea nacional i-  
 naugurou em 1985 a sua primei-  
 ra linha intercontinental que  
 recaiu sobre **sal/lisboa/Sal** ser-  
 vindo a expressiva comunidade  
**Cabo verdiano** em terras Lusas.  
 Ainda motivada pelas históricas  
 relações entre cabo-verde e Portugal.  
 E também **a comunidade Cabo**  
**verdiano abriu** uma nova linha  
 internacional para Boston, **liga-**  
**ndo** deste modo, Cabo-Verde e Esta-  
 dos **unidos** da América e aproxi-  
 mando a maior e mais antiga  
 comunidade Cabo-verdiana.  
 A nossa comunidade Cabo - verdia-  
 na revela como sua preocupação,  
 a situação «complexa» em que  
**vive comunidade** Cabo-verdiana  
 nesse país, cujo reflexo incide princi-  
 palmente nos mais velhos.

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 1/A1

Anexo 2

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravidade
							Competência	Performance	Transfêrência L1 hipotese	
4/10	a T.A.C.V	os T.A.C.V.	2	artigo	omissão	sintático (conc.)	X		X	máxima
6	participam	Participam	1	verbo	simplificação	ortográfico (uso de maius.)	X			mínima
6/7	embaixador	Embaixador	1	nome	simplificação	ortográfico (uso de maius.)	X			mínima
7/31	cabo verde	Cabo Verde	2	nome	simplificação	ortográfico (uso de maius.)	X			mínima
8	IAPE, representante	IAPE, o representante	1	artigo	omissão	morfológico	X		X	mínima
9	promex	Promex	1	nome	sobregene-ralização	ortográfico (uso de maius.)	X			mínima
9	e das Alfândegas	o das Alfândegas	1	pronome	omissão	morfológico	X		X	
12	líderes	líderes	1	nome	omissão (acento)	ortográfico		X		mínima
15	sensibilizarem	sensibilizar	1	verbo	sobregene-ralização	sintático	X			máxima
18	proficia	proficia	1	adjectivo	acréscimo	lexical		X	X	mínima
18	com a TACV	com os TACV	1	artigo	omissão	sintático (conc.)	X			máxima
19	Lembramos, que por outro lado,	Lembramos, por outro lado,	1	pronome	acréscimo	sintático	X		X	máxima
20	que foi a comunidade cabo verdiana ao pensar espalhado pelo quatro cantos do	que foi ao pensar na comunidade Cabo - Verdiana espalhados pelos quatro can-	1	período	sobregene-ralização (ordem das	sintático	X		X	máxima

## **O Carnaval**

**Em todo mundo brincam carnaval.**

**Mais carnaval deste ano**

**noõ foi muito bonito, e nem**  
bom carnaval.

**Mais eu adoro carnaval**

**de Brazil pq eles brincam**  
**a vontade espaço enarma**  
para sambar.

**Em Brasil brincam carnaval**  
**a noite.**

Mais aqui **na praia nos**  
**noõ** sabemos brincar carnaval  
como outros brincam

**Soõ Vicente** sabe brincar carnaval  
porque alguns **participaram**  
**na desvilhe mais na praia.**

**Carnaval festa e alegria**

**Eu gosto brincar carnaval**  
**no Brasil pq. e muito bonito.**



# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Anexo 4

Análise do texto 2 A1

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravidade
							Compreensão	Performance	Transfêrência L1/L2	
1	todo mundo brincam	todo mundo brinca	1	verbo	sobregenera- lização	sintático (colectivo)	X			máxima
2,5	... Mais ...	... Mas ...	4	conjunção	acréscimo	morfológico	X	X		média
	carnaval deste ano	o carnaval este ano	1	artigo	omissão	morfológico		X		média
3	... não	... não	2	advérbio	simplificação	ortográfico	X		X	mínima
3	foi muito bonito.	foi bonito.	1	advérbio	acréscimo	morfológico		X		mínima
3/4	e nem bom carnaval	E nem bom carnaval	1	conjunção	sobregenera- lização	ortográfico (uso maius.)	X		X	mínima
5/17/18	adoro carnaval	adoro o carnaval	7	artigo	omissão	morfológico	X	X		média
6/9	de Brasil	do Brasil	2	artigo	omissão	morfológico	X	X		média
6	Brazil	Brasil	1	nome	sobregenera- lização	ortográfico	X		X	mínima
6/19	pq...	porque	2	conjunção	sobregenera- lização	ortográfico			X	mínima
7	a vontade	à vontade	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	média
7	espaço	e tem espaço	1	conj/ verbo	omissão	morfológico	X		X	média
7	enorma	enorme	1	adjectivo	sobregenera- lização	ortográfico		X		mínima
9	Em Brasil	No Brasil	1	artigo	omissão	morfológico		X	X	média

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 2 A1

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Li-nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Compo-tência	Perfor-mância	Transfe-rência L1 hipótese	Intra-lingual
10	a noite	à noite	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	média
11/14	na praia	na Praia	2	nome	sobregenera-lização	ortográfico (uso malsc.)	X			mínima
11	nós	nós	1	pronome	omissão(acentos)	semântico				mínima
14	Só Vicente	Em São Vicente	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	média
14	Só Vicente	São Vicente	1	nome	sobregenera-lização	ortográfico		X		mínima
15	participaram	participam	1	verbo	sobregenera-lização	sintático	X			mínima
16	na	no	1	preposição	acrécimo	lexical			X	média
16	desvilhe	desfile	1	nome	sobregenera-lização	fonológico	X			mínima
17	Carnaval festa	o carnaval é festa	1	artigo	omissão	morfológico		X	X	média
17	Carnaval festa	O carnaval é festa	1	verbo	omissão	sintático		X	X	média
18	Eu gosto brincar	Eu gosto de brincar	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	média
19	... e muito	... é muito	1	verbo	omissão	sintático (acento)	X			média

8 de Março e **dia** da mulher

A **mulher é uma coisa** mais  
linda que existe na face da  
terra.

**Mulher e bom ela trabalhadora**  
**ela** fez todos os **a fazares** da  
casa.

Eu acho que a mulher **nao** devia  
ser maltratada **par ninguém**  
nesse mundo porque a **mulher**  
é aquela que faz de tudo  
para os filhos e para a **casa**  
A mulher e a **nossa mãe** a nossa  
filha a nossa amiga e a nossa  
esposa.

A **mulher é uma coisa** linda  
A mulher não deve ser **vialada**  
por ninguém, nem devem ser  
assassinadas.

A mulher gosta que **alguem lhes**  
diga **coisas lindos**.

Eu acho que a mulher trabalha  
mais do que os homens.

A mulher é que cuida dos filhos  
**porque se não houvesse mulher nao** haveria crianças

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 3 A1

Anexo 6

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Li-nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros		Explicação	Gravi-dade
							Compe-tência	Perfor-mance	Transfe-rência L1	Intra-lingual
1	e dia	é dia	1	verbo	omissão (acento)	sintático		X		X
2/16	mulher é uma coisa	mulher é uma pessoa (ser)	2	nome	sobregenera-lização	semânt/lexical	X			X
5	mulher e bom	A mulher ...	1	artigo	omissão	morfológico	X		X	
5	mulher e bom	A mulher é ...	1	verbo	omissão	sintático		X		X
5	mulher e bom	A mulher é boa	1	adjectivo	omissão (conj)	concordância	X		X	
5	Ela trabalhadora	Ela é trabalhadora	1	verbo	omissão	sintático	X		X	
6	ela foz	ela faz	1	verbo	simplificação	ortográfico		X		X
6	a fazeres	afazeres	1	nome	simplificação	ortográfico		X		X
8/25	naõ	não	4	advérbio	simplificação	ortográfico		X		X
9	par ninguém	por ninguém	2	pre/artigo	simplificação	ortográfico		X		X
13	e nossa mãe	é nossa mãe	1	verbo/nome	omissão (acento)	morfossintático	X			X
18	devem	deve	1	verbo	sobregenera-lização	sintático (concordância)	X			X
17	vialada	violada	1	nome	simplificação	ortográfico		X		X
20	alguem	alguém	1	pronome	omissão	acentuação	X			X

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 3/A1

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)				Classificação / Categorização			
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros				Gravidade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L1	Explicação teste de hipótese lingual	
20	lhes	lhe	1	pronome	sobregenera- lização	sintático (concordância)		X		X	máxima
21	coisas lindos	coisas lindas	1	adjectivo	omissão	morfológico (concordância)		X	X		mínima
25	porque se...	e se...	1	conjunção	sobregenera- lização	morfológico		X		X	mínima



## COMUNIDADE C. EM PORTUGAL

A Comunidade **caboverdiana** em Portugal é uma comunidade que vem **difundindo** **nossa** cultura **nos** seus dia-a-dia, **as-**  
**vezes reunim** em grupos e **fazem noi-**  
**tes caboverdina** a nível da **musica** dan-  
ças com pratos **tradicionais**, a comunidade  
Caboverdiana em Portugal é uma percentagem  
muito grande e normalmente **estão con-**  
**centrado** em grupos em cada região como  
por exemplo **na** **alto SANTA CATARINA**,  
**em BURRACA** etc. **essa são** algumas das regiões  
onde estão concentrado **muito pessoas cabo-**  
**verdiana**, andam a **finfundir** muito a nossa  
cultura **afim** de **ençianar** os mais pequenos  
os que lhes **pertençem** e outros povos que  
não **conheciam** a nossa cultura.

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 1 A2

Anexo 8

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Li-nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravidade
							Comple-tência	Perfor-mância	Transfe-rência L1 hipótese	
Ttlo	C.	Cabo-verdiana	1	adjectivo	sobregenera-lização	morfológico		X		média
2/8	caboverdiana	cabo-verdiana	2	adjectivo	omissão (hífen)	ortográfico		X		mínima
3/4	difundindo nossa	difundindo a nossa	1	artigo	omissão	morfológico	X		X	média
4	nos seus	no seu	1	pronome	sobregenera-lização	sintáctico	X			máxima
4/5	as vezes	às vezes	1	preposição	omissão	sintáctico	X		X	máxima
5	reunim	reúne	1	verbo	sobregenera-lização	sintáctico	X			máxima
5	e fazem	e faz	1	verbo	sobregenera-lização	sintáctico	X		X	média
6	noites caboverdianas	noites cabo-verdianas	1	adjectivo	omissão (hífen)	ortográfico	X		X	mínima
6	musica	música	1	nome	omissão (acento)	ortográfico		X		mínima
7	tradicionais,	tradicionais.	1	pontuação	omissão (acento)	morfológico	X			média
9	estão	está	2	verbo	sobregenera-lização	sintáctico	X			máxima
10	concentrado	e concentrada	2	verbo	omissão(conc)	sintáctico	X		X	máxima
11	na alto	no alto	1	artigo	omissão(conc)	sintáctico	X		X	máxima
11/12	alto SANTA CATARINA, BURRACA	no alto de Santa Catarina, Buraca	1	nomes	sobregenera-lização	ortográfico		X	X	mínima

## CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 1 A2

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Competência	Performance	Transfêrência L1	Intra-lingual
12	essa são	Essas são	1	pronome	omissão	sintático(conc)		X		X
13	muito pessoas caboverdiana	muitas pessoas caboverdianas	1	adjectivo	omissão	morfológico	X		X	média
14	fifundir	difundir	1	verbo	acrécimo	lexical		X	X	média
15	afim	a fim	1	preposição	sobregenerali-zação	ortográfico		X		X
16	pertencem	pertencem	1	verbo	sobregenerali-zação	ortográfico		X	X	mínima
17	conheciam	conhecem	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático		X		X
15	ençinar	ensinar	1	verbo	sobregenerali-zação	ortográfico		X		X



essas consequências saem pelas ruas sem com **espírito** de competir isso leva com que o carnaval nessa ilha seja **mas doradora** O carnaval é um habito que é **vivido por todos**, velhos, adultos e crianças trajados **com de roupas coloridas, e engravadas, cara pintada**, penteados, **ném** todos gostam de pintar ou vestir **roupa fora do habito** diária **más** de uma forma ou de outra eles **dam** os seus contributos também saem para as principais ruas para verem os que mascaram, **que usaram** fantasias etc, e **a noite a aqueles que vam** ao baile de fantasia cada qual usa o seu traje **o qual preferir normalmente** o ultimo dia do carnaval é na terça feira 24 de Fevereiro e no dia seguinte também é um dia de uma forte cultura a nivel da gastronomia.

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 2 A2

Anexo 10

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO ( em análise do erro)			Classificação / Categorização				
Li-nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravi-dade	
							Compe-tência	Perfor-mance	Transfe-rência L1 hipótese lingual		
1	O carnával	O carnaval	1	nome	acrécimo(acem)	fonológico/ ort.		X		X	mínima
2	muito países	muitos países	1	adjectivo	omissão (conc)	morfológico	X			X	média
2	países	países	1	nome	omissão (acento)	morfológico		X			média
2	:como	como:	1	---	---	pontuação				X	média
3	Mocambique	Mocambique	1	nome	Simplificação	ortográfico		X		X	mínima
3	Angola	---	1	nome	repetição	morfológico		X			média
4	cabo verde	Cabo Verde	1	nome	sobregenerali-zação	ortográfico		X		X	mínima
5	e muito	é muito	1	verbo	omissão (acento)	sintáctico		X		X	máxima
5	pelos povos	pelo povo	1	nome	sobregenerali-zação	morfológico		X		X	média
6	más algumas	mas algumas	3	conjunção	acrécimo	morfológico	X		X		média
6	más algumas	mas em algumas	1	preposição	omissão	morfológico	X		X		média
6	em que o carnaval	o carnaval	1	pre/ pronome	acrécimo	morfológico		X	X	X	média
7	as outras	nas outras	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	X	média
8	como no caso	como é o caso	1	preposição	acrécimo	morfológico	X			X	média

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 2 A2

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L1	Intra- lingual
8	como no caso	como é o caso	1	verbo	omissão	morfológico	X		X	média
8	S. vicente	S. Vicente	1	nome	sobregenerali- zação	ortográfico		X		mínima
9/22	competição	competição	2	nome	sobregenerali- zação	Fonol/Ortog.	X		X	mínima
10	país	país	1	nome	omissão (acento)	morfológico		X		média
10/11	pouco a pouco	pouco e pouco	1	advérbio	simplificação	morfológico		X	X	mínima
13	competições	competições	1	nome	sobregenerali- zação	Fonol/Ortog.	X		X	mínima
13	varios	vários	1	nome	omissão (acento)	morfológico		X		mínima
13	saem	saem	1	verbo	sobregenerali- zação	sintático	X			máxima
14	das cidade	das cidades	1	nome	omissão (conc)	morfológico	X		X	média
15	canticas	cantigas	1	nome	simplificação	ortográfico		X		mínima
16	proximo tambem	próximo também	2	nome	omissão (acento)	ortográfico		X		média
18	desistir, todos...	desistir. Todos...	1	advérbio	sobregenerali- zação	ortográfico	X			mínima
19	e daqui...	Daqui a alguns...	1	artigo / pont.	omissão	morfológico	X		X	média
20	nessas ilha,	nessas ilhas.	1	nome	omissão (conc)	morfológico		X	X	média

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Competência	Performância	Transfêrência L1 hipotese	
21	o contrário	ao contrário	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	máxima
22	adirem	aderem	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático	X		X	máxima
24	espírito	espírito	1	nome	omissão	morfológico		X		mínima
25	mas doradora	mais duradoura	1	adjectivo	acrécimo	lexical	X		X	média
26	vivido por todos,	vivido por todos:	1		acrécimo	pontuação	X		X	média
28	com de roupas	de roupas	1	preposição	acrécimo	morfológico	X		X	média
28	engracadas	engraçadas	1	adjectivo	simplificação	ortográfico		X		mínima
29	cara pintada	caras pintadas	1	nome adject.	omissão (conc)	morfológico		X		mínima
29	ném	nem	1	conjunção	acrécimo (acresc)	morfológico	X		X	mínima
32	dam	dão	1	verbo	sobregenerali-zação	fonológico	X		X	mínima
34	que usaram	que usam	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático	X		X	máxima
35	a noite	à noite	1	preposição	omissão (acento)	morfológico	X		X	média
35	a aqueles	há aqueles	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático	X			máxima
35	vam	vão	1	verbo	sobregenerali-zação	fonológico	X		X	mínima

## CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

IDENTIFICAÇÃO				DESCRICOÃO ( em análise do erro)			Classificação / Categorização					
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Explicação		Gravi- dade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L3	teste de hipótese	Intra- lingual	
37	o qual preferir	o que preferir	1	pronome	sobregenerali- zação	morfológico	X				X	média
37	normalmente	Normalmente	1	advérbio	sobregenerali- zação	pontuação uso de maiúsc.		X			X	média
30	fora de hábito	roupa não habitual	1	---	acrécimo	Lexical	X		X			média



E urgente desatar

**Escplanada até os ossos,**  
Por que não acabes com esse medo  
**que ti assombra**  
é preciso desatar com **o seu** sexo  
aposto **que ti marginalisa.**  
**Valorizati** como pessoa que  
**tu es.**  
**vencida** pelo medo, **não tentas**  
mostrar um gesto de protesto.  
Por que **não as faças?**  
Se já **conheces** os teus direi-  
tos perante a sociedade?  
Por que não quebras **essa** corren-  
te que te prende.  
**Você conhece** e sabe **más** do que  
**ninguem** a **sua** vontade de reco-  
nhecer a sua personalidade na so-  
ciedade  
É urgente desatar  
**Não vés** que para o sexo opos-

to não passas de um instrumento  
sexual ou então um produto da  
primeira **necessida**  
É urgente desatar, para tirares  
essa dor e gemido do seu **corração**  
que te **atomenta**,  
Num clima dramático, agitado  
**eis de** conseguir os **seus** direitos

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Anexo 12

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravidade
							Completude	Permanência	Transfêrência L1 hipotese	
1-18a	E urgente	E urgente	1	verbo	omissão (acentuação)	sintático	X			máxima
2	Explorada	Explorada	1	nome	acréscimo	lexical	X			média
2	até os ossos	até aos ossos	1	preposição	omissão	morfológico	X			média
4	que ti assombra	que te assombra	2	pronome	sobregenerali-zação	fonológico		X	X	mínima
5/12	o seu	o teu	2	pronome	simplificação	morfológico	X		X	mínima
6	que ti marginaliza	que te marginaliza	1	verbo	sobregenerali-zação	fonológico	X		X	mínima
7	Valorizati	Valoriza-te	1	pronome	sobregenerali-morf/ fonológ.		X		X	média
8	tu es	tu és	1	verbo	omissão (acentuação)	morfológico	X			mínima
9	vencida	Vencida	1	verbo	sobregenerali-zação	ortográfico	X			mínima
9	não tentas	não tentes	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático	X			máxima
11	naõ as	naõ o	1	artigo	omissão (conc.)	morfológico	X		X	média
12	conheçes	conheces	1	verbo	simplificação	ortográfico	X		X	mínima
13	essa	esta	1	pronome	simplificação	morfológico	X		X	média
16	voce conhe	você conhece	1	pron./ verbo	simplificação	ortográfico		X		mínima
24	necessida	necessidade	1	nome	simplificação	ortográfico		X		mínima



# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização				
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros		Explicação		Gravi- dade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L1	teste de hipótese lingual	
16	más...	mais...	1	conjunção	acrécimo	morfológico	X		X		média
17	ninguem	ninguém	1	pronome	omissão	acentuação		X		X	média
17	sua	tua	1	pronome	simplificação	morfológico	X			X	média
21	não vês	não vês	1	verbo	simplificação	sintático		X			máxima
26	corração	coração	1	nome	acrécimo	Fonol / Fonét.	X		X		mínima
27	atomenta	atormenta	1	verbo	simplificação	ortográfico	X			X	mínima
29	eis de	hás-de	1	verbo	simplificação	morfossintático	X			X	máxima
29	seus	teus	1	pronome	simplificação	morfológico	X			X	média

## A Comunidade Cabo-verdiana

Em primeiro lugar **comunidade** é um conjunto de **pessoas que vive na mesma rigião que fala a mesma lingua** tem o mesmo **abito**, costumes etc (**em cumum**)

**Cumunidade Caboverdiana** é uma comunidade democrata (tudo está baseado na democracia)

**E que quando** houver **um qualquer** problema dentro **cumunidade** **Juntam-se** e **façam** greve de aquilo que não **estever** certo e **corrigam**. E o **prato** típico de comunidade caboverdiano é **cachupa**, **cherem**, **Cuscus**, **Djagacida** etc

**Dentro cumunidade caboverdiana** existe **um grande** **mobabilidade** social tal como uma pessoa que sai de **caboverde** para **ir portugal** ao chegar **la fique** normalmente fora da **cedade** ao pé do **caboverdiano** como ele e ao **ficaram** junto nunca se esquece dos seus **abitos**, **custumes**, **das suas linguas**, tradição etc.

**Mais como tudo** aparecem alguns que esquece da sua **cumunidade** (**custume**, **abitos**, tradição) porque vive dentro da cidade casam com branca fala só **portugues** não **da as vezes** para praticar os seus **abitos e então comtudo** isso **essa pessoa sentem** vontade **emenso** de regressar **para ca** para lembrar do seu: **linguas**, **abito**, tradição etc

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Anexo 14

Análises do texto 1 A3

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravi- dade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L1 hipótese	Intra- lingual
1	comunidade	comunidade	1	nome	simplificação	ortográfico		X		X
2/19	pessoas que vive	pessoas que vivem	2	verbo	omissão (conc)	morfológico	X			X
2	região	região	1	nome	simplificação	fonológico		X	X	mínima
2/3	que fala... tem	que falam... têm	2	verbo	omissão (conc)	sintático	X			máxima
3	língua	língua	1	nome	omissão (arrem.)	morfológico		X		média
7/18/21	abitos	hábitos	5	nome	sobregenerali- zação	ortográfico	X		X	mínima
22/25	em cumum	em comum	1	nome	simplificação	fonológico		X	X	mínima
4/12	cumunidade	comunidade	4	nome	simplificação	Fonol/ ortog.	X		X	mínima
12/24	Caboverdiana	cabo-verdiana	2	adjectivo	sobregenerali- zação	ortográfico		X		mínim
4	Caboverdiana	cabo-verdiana	1	adjectivo	omissão hífen	ortográfico		X		mínima
6	E que quando	E quando	1	pronome	acréscimo	morfológico		X	X	média
6	um qualquer	qualquer	1	artigo	acréscimo	morfológico		X	X	média
8	Juntam-se	juntam-se	1	verbo	sobregenerali- zação	ortográfico		X		média
8	façam	fazem	1	verbo	sobregenerali- zação	sintático		X		média

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 1 A3

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)		Classificação / Categorização				
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Compreensão	Performance	Transfêrencia L1 hipótese	
14	ir portugal	ia à Portugal (ir à)	1	nome	sobregenerali-zação	ortográfico		X		mínima
14	la	lá	1	advérbio	omissão	ortográfico		X		mínima
14	fique	fica	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático	X		X	máxima
15	cedade	cidade	2	nome	simplificação	fonológico		X	X	mínima
16	ficaram	ficarem	1	verbo	sobregenerali-zação	sintático	X		X	máxima
17/19	custumes	costumes	2	nome	simplificação	fonológico	X		X	mínima
17	das suas linguas	da sua língua	1	pre/pron/nome	omissão (conc)	morfológico		X		média
18	Mais com tudo	Mas contudo	1	conjunção	sobregenerali-zação	morfológico	X		X	mínima
20/21	dentro da cidade	na cidade	1	preposição	acrécimo	morfológico	X		X	mínima
21	portugues	português	1	nome	omissão (accento)	ortográfico		X		mínima
22	da as vezes	dá, às vezes,	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	média
22	e então	então		conj/pre	acrécimo	morfológico	X		X	média
22	contudo	com tudo	1	pre/artigo	simplificação	ortográfico	X		X	mínima
23	essa pessoa sentem	essas pessoas sentem	1	nome/verbo	omissão (conc)	morfológico	X		X	mínima

## CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 1 A3

IDENTIFICAÇÃO			DESCRIÇÃO (em análise do erro)				Classificação / Categorização			
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Grau- dade
							Compe- tência	Perfor- mance	Explicação Transfe- rência 1.1 hipótese teste de lingual	
23	emensos	imensa	1	adjectivo	simplificação	ortográfico	X			mínima
24	para cá	--	1	pre/ adjectivo	acréscimo	morfológico		X	X	mínima
25	do seu: lingua	da sua língua:	1	pre/ pronome	omissão (conc)	morfológico		X	X	mínima
25	do seu: lingua	da sua língua:	1	pontuação	---	ortográfico	X			mínima
25	do seu: lingua	da sua língua:	1	nome	omissão (avnto)	morfológico		X		mínima



**Carnaval** para mim é uma tradição que todos os anos **no fevereiro se comemora. Carnaval** é uma festa ou desfile que é praticado em todos os países do mundo **carnaval** é uma festa muito importante **que para mim carnaval** é a festa mais grande que está **conhecendo em toda a minha vida até agora. porque carnaval há grande desfile muito importante que de vespera e de dia há uma festa tão saborosa** que não poderá haver igual. **Eu no meu caso** sempre costume passar carnaval no **enterior, de vespera, sempre costume ir para calhete ver desfile, onde que esse desfile esta muito bonito e enterressante e de dia** tomo meu pequeno almoço (**é de cedo**) e ao meio dia tomo o meu almoço, depois **preparo-me** uma garrafa de ponche e a volta de 2:00 h **parto-me** para um lugar que chama-se **calhetona onde que nos vamos brincar na areia** bailar, beber ponche, tomar banho etc. E **com tudo** carnaval é uma festa muito importantíssima **e também o dia** em que eu estou mais feliz em toda a minha vida. E também no mesmo dia eu visto-me **uma calça** velha uma camisa branca um casaco com gravata e **sapato velho** e uma pasta velha **e foi** para desfile. **tambem carnaval** é um convívio em que todas as pessoas **estão sabe** e unido **ums aos outros.**

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 2 A3

Anexo 16

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros		Explicação	Gravidade
							Competência	Permanência	Transfêrencia L1	Intralingual
1,2,4	Carnaval	O carnaval	3	artigo	omissão	morfológico	X		X	
no		em	1	artigo	acréscimo	morfológico			X	
2	fevereiro	Fevereiro	2	nome	sobregeneralização	ortográfico	X			X
4,18	comumora	comemora	1	verbo	simplificação	ortográfico	X			X
4,5,6	que para mim carnaval é a festa mais grande que está conhecendo em toda a minha vida até agora, porque carnaval há grande desfile muito importante de vespera	Para mim o carnaval é a maior festa que estou conhecendo em toda a minha vida porque há grande desfile na véspera.		período (parte do discurso)	sobregeneralização	semântico	X			X
6	nninha	minha	1	pronome	simplificação	ortográfico	X			X
6	até agodra	até agora	1	conjunção	simplificação	ortográfico	X			X
8	festa tão saborosa	festa tão boa	1	adjectivo	sobregeneralização	semântico	X			X
9	Eu no meu caso	No meu caso	1	pronome	simplificação	morfológico		X		X
10	sempre costume ir para calheta ver desfile, onde que esse desfile esta muito interessante	Costumo ir sempre à Calheta para ver o desfile. Aquele desfile estava muito bonito e interessante	1	pronome artigo preposição	simplificação omissão (acréscimo)	semântico sintáctico	X	X		X
10	emterior	interior	1	nome	simplificação	ortográfico		X		X

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 2 A3

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização				
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade	
							Compe- tência	Perfor- mância	Transfe- rência		Explicação
7,10	de vespera	na véspera	1	preposição	simplificação	morfológico	X		X		média
11	disfile	desfile	2	nome	simplificação	Fonol./ ortogr.		X		X	mínima
12	enterressante	interessante	1	adjectivo	acréscimo	fonol./ fonético	X		X		mínima
11	calhete	Calheta	1	nome	sobregenerali- zação	ortográfico		X		X	mínima
12,13	e de dia (é de cedo)	De manhã	1	nome	simplificação	lexical	X		X		média
14	preparo-me	preparo	1	pronome	sobregenerali- zação	sintáctico	X			X	média
15	e a volta	e por volta	1	preposição	omissão	morfológico	X			X	média
15	parto-me	parto	1	pronome	sobregenerali- zação	sintáctico	X			X	máxima
15	chama-se	se chama	1	pronome	sobregenerali- zação	sintáctico				X	máxima
16	calhetona	Calhetona	1	nome	sobregenerali- zação	ortográfico	X			X	mínima
16	onde que nos	onde nós	1	pronome	sobregenerali- zação	morfológico	X		X		média
17,18	com tudo	Contudo	1	conjunção	acréscimo	morfológico	X			X	mínima
19	e também o dia	é também o dia	1	verbo	omissão (acento)	sintáctico	X			X	máxima
19	estou	estarei	1	verbo	sobregenerali- zação	sintáctico	X			X	máxima



## CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

IDENTIFICAÇÃO				DESCRÇÃO (em análise do erro)		Classificação / Categorização				
Linha	Erro	Reconstrução	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Competência	Performance	Transferência L1 hipótese	
21	uma calça	umas calças	1	nome	acréscimo	morfológico	X		X	máxima
22	sapato velho	sapatos velhos	1	nome	omissão (com)	morfológico	X		X	máxima
22	e foi	e fui	1	verbo	sobregeneralização	sintático	X			máxima
23	para desfile	para o desfile	1	artigo	omissão	morfológico	X		X	média
23	também carnaval	Também o carnaval	1	artigo	omissão	morfológico	X		X	média
23	também carnaval	Também o carnaval	1	conjunção	simplificação	ortográfico		X		mínima
23	carnaval	carnaval	1	nome	simplificação	ortográfico		X		mínima
24	estão sabe	estão satisfeitos	1	nome	acréscimo	lexical	X		X	média
24	uns aos outros	uns aos outros	1	artigo	simplificação	ortográfico		X		mínima

## As mulheres

Eu **acho que mulher é uma coisa** mais **importantete** no mundo porque se não fosse ela é **calaro** que não **havia** reprodução na terra. **E também** nós devemos respeitar **muito bem** as mulheres porque elas são: **As nossas Mães**, **As** nossas **Irmanas**, **as** **nossas esposa**, etc. **também mulher** é a **conçolança** de homem e a **limpesa** do mundo, mulher é amar e mulher é ser amada.

É claro que se não houvesse a **existencia** de mulher a vida na terra seria **toltamente difícel** ou **inixestível**. E é por isso que eu não faço troça de nenhum tipo de mulher. **Nem no aboso** sexual, nem no **aboso de ofenças** com **palhavra** e muito menos **com aboso de mão** também mulher tem um papel (ou valor) muito importante na sociedade.

Eu acho que **todos homens deve** respeitar as mulheres porque as mulheres os **satisfaz** em toda as **sercunstancias**: Em 1º lugar **os homens precisa** de mulher para **satisfazer as seus prazeres sexas** para **reproduzirs** ou ter mais filhos para o **desenvolmente** do **pais** porque como já sabemos **que todos os países precisa** de mão-de-obra

para o seu **desenvolvimento**.

**2º lugar** mulher **descança** homem em vários pontos:

em lavar as roupas, cozer os alimentos cuidar dos  
bebés, em **lipenso** da casa, **as-vezes** até eu trabalho  
na **fabinca** etc. **E com tudo** eu acho que

**tudo** os homens devem **dar mulher as sua valores** que **elas**  
tem. E em todo lugar e toda parte do mundo.

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 3 A3

Anexo 18

IDENTIFICAÇÃO			DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros		
							Competência	Performance	Transfê-rencia L1 hipótese
1	...acho que a mulher é uma coisa	...acho que a mulher é uma pessoa	1	nome	simplificação	semântico	X		X
1/3	mulher	mulher	4	nome	simplificação	ortográfico		X	X
13/15	importante	importante	1	adjectivo	simplificação	ortográfico		X	X
2	calaro	claro	1	adjectivo	simplificação	ortográfico		X	X
2	havia	haveria	1	verbo	sobregenerali-zação	sintáctico	X		X
3	E também elas são muito bem	Também elas são muito	1	conjunção	acréscimo	morfológico		X	X
4/5	:As nossas Mães Irmãs	: as nossas mães irmãs	1	artigo/nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X		X
5	nossas esposa	nossas esposas	1	nome	omissão	morfológico	X	X	
5/13	também mulher	também a mulher	2	artigo	omissão (conc)	morfológico	X		X
6	conçolança	consolação	1	nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X	X	
6/24	limpesa	limpeza	2	nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X		X
8	existencia	existência	1	nome	omissão	acentuação		X	X
9	toitamente	totalmente	1	advérbio	simplificação	ortográfico	X		
9	difícil	difícil	1	adjectivo	simplificação	ortográfico	X		X

8/10

# ANÁLISE DOS ERROS A PARTIR DO CORPUS

Análise do texto 3 A3

Anexo 18

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO ( em análise do erro)			Classificação / Categorização				
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Natureza	Nível atingido	Tipos de erros			Gravidade	
							Completência	Permanência	Transferência 1.3 hipótese		
1	...acho que a mulher é uma coisa	...acho que a mulher é uma pessoa	1	nome	simplificação	semântico	X			X	máxima
1/3	mulher	mulher	4	nome	simplificação	ortográfico		X		X	mínima
13/13	importante	importante	1	adjectivo	simplificação	ortográfico		X		X	mínima
2	calaro	claro	1	adjectivo	simplificação	ortográfico		X		X	mínima
2	havia	haveria	1	verbo	sobregenerali-zação	sintáctico	X			X	máxima
3	E também elas são muito bem	Também elas são muito	1	conjunção	acréscimo	morfológico		X		X	média
4/5	:As nossas Mães irmanas	: as nossas mães irmãs	1	artigo/nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X			X	mínima
5	nossas esposa	nossas esposas	1	nome	omissão	morfológico	X		X		média
5/13	também mulher	também a mulher	2	artigo	omissão (conc)	morfológico	X		X		mínima
6	conçolança	consolação	1	nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X		X		mínima
6/28	limpesa	limpeza	2	nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X			X	mínima
8	existencia	existência	1	nome	omissão	acentuação		X		X	média
9	tolitamente	totalmente	1	advérbio	simplificação	ortográfico	X		X		mínima
9	dificel	difícil	1	adjectivo	simplificação	ortográfico	X			X	média

X(3)



# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 3 A3

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros		Explicação	Gravi- dade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L1	Intra- teste de hipótese lingual
9	inexistível	inexistente	1	adjectivo	acréscimo	lexical	X		X	máxima
11	nem no aboso	nem no abuso	2	nome	simplificação	ortográfico	X			X
11	ofensas	ofensas	1	nome	sobregenerali- zação	ortográfico	X			X
12	palhavra	palavra	1	nome	sobregenerali- zação	Fonol/ortogr.	X			X
12	com aboso de mão	bater	1	nome	acréscimo	lexical		X	X	mínima
15	todos homens	todos os homens	1	artigo	omissão	morfológico	X		X	máxima
15	deve	devem	1	verbo	omissão (conc)	sintáctico			X	máxima
16	as mulheres	elas	1	pronome	simplificação	morfológico		X		média
16	satisfaz	satisfazem	1	verbo	omissão (conc)	sintáctico	X			máxima
16	satisfaz	satisfazem-os	1	artigo	omissão (conc)	concordância	X			mínima
16	sercunstanciais	circunstanciais	1	nome	omissão (acento)	ortográfico		X		mínima
17/20	precisa	precisam	2	verbo	omissão (conc)	sintáctico	X			máxima
18	as seus prazeres	os seus prazeres	2	artigo	omissão (conc)	morfológico	X		X	máxima
18	sexas	sexuais	1	adjectivo	acréscimo	lexical	X		X	média

## CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 3 A3

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO (em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Linha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravidade
							Competência	Performance	Transfê-reência L1 hipótese	
9	inexistível	inexistente	1	adjectivo	acréscimo	lexical	X		X	máxima
11	nem no aboso	nem no abuso	2	nome	simplificação	ortográfico	X			mínima
11	ofenças	ofensas	1	nome	sobregenerali-zação	ortográfico	X			mínima
12	palhavra	palavra	1	nome	sobregenerali-zação	Fonol/ ortogr.	X			mínima
12	com aboso de mão	bater	1	nome	acréscimo	lexical		X		mínima
15	todos homens	todos os homens	1	artigo	omissão	morfológico	X			máxima
15	deve	devem	1	verbo	omissão (conc)	sintáctico			X	máxima
16	as mulheres	elas	1	pronome	simplificação	morfológico		X		média
16	satisfaz	satisfazem	1	verbo	omissão (conc)	sintáctico	X			máxima
16	satisfaz	satisfazem-os	1	artigo	omissão (conc)	concordância	X			mínima
16	sercunstanciais	circunstanciais	1	nome	omissão (acentu)	ortográfico		X		mínima
17/20	precisa	precisam	2	verbo	omissão (conc)	sintáctico	X			máxima
18	as seus prazeres	os seus prazeres	2	artigo	omissão (conc)	morfológico	X			máxima
18	sexas	sexuais	1	adjectivo	acréscimo	lexical	X		X	média

# CONTINUAÇÃO DA ANÁLISE DOS ERROS

Análise do texto 3 A3

IDENTIFICAÇÃO				DESCRIÇÃO ( em análise do erro)			Classificação / Categorização			
Li- nha	Erro	Reconstituição	Freq.	Categoria Gramatical	Nível atingido	Natureza	Tipos de erros			Gravi- dade
							Compe- tência	Perfor- mance	Transfe- rência L1	
18	reproduzir	reproduzir	1	verbo	acréscimo	lexical	X	X		mínima
19	desenvolvemente	desenvolvimento	1	verbo	sobregenerali- zação	ortográfico		X		mínima
20/21	pais . que	pais, que	2	nome	sobregenerali- zação	semântico	X			média
20	que todos	todos	1	pronome	acréscimo	morfológico		X		mínima
20	mão-de-obra	mão-de-obra	1	nome	simplificação	ortográfico		X		mínima
22	desenvolvimento	desenvolvimento	1	nome	sobregenerali- zação	ortográfico		X		mínima
22	2º lugar	Em 2º lugar	1	preposição	omissão	ortográfico		X		mínima
22	descança	descansa	1	preposição	sobregenerali- zação	ortográfico		X		mínima
24	as - vezes	às vezes	1	preposição	omissão (acento)	morfológico		X	X	média
25	fabinca	fábrica	1	nome	simplificação	ortográfico		X		média
25	E com tudo	Contudo	1	conjunção	acréscimo	ortográfico	X			mínima
26	dar mulher as suas valores	dar às mulheres o devido valor	1	preposição	omissão	morfológico	X		X	máxima
27	elas tem	elas têm	1	verbo	omissão (conc)	sintático	X		X	máxima
26	tudo	todos	1	advérbio	simplificação	morfológico		X		média
20	países	países	1	nome	simplificação	ortográfico		X	X	mínima



